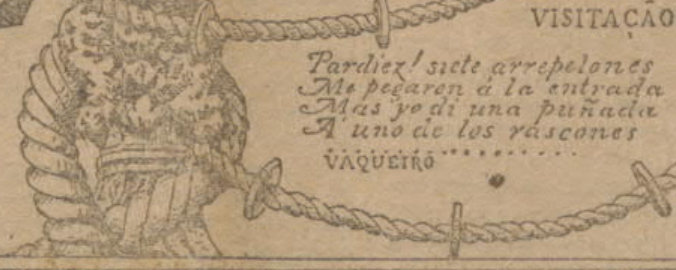




GIL VICENTE

Semanario Monarchico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista local
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITAÇÃO
*Pardiez siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
A uno de los rascones
VAQUERO*

Director, Editor e Administrador:
Pedro de Freitas.

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa
Rua de Santo Antonio, 133 e 135

Integralismo em Guimarães

O jornal «Gil Vicente» adquirido pela «Junta Municipal Integralista» de Guimarães, passa a ser aqui o orgão da doutrina sobejamente conhecida em Portugal sob o nome de Integralismo Lusitano.

Cem annos de processos politicos fundados nas ideias e nas doutrinas que prepararam a revolução franceza de 1789, apologista da irreligiosidade e do excessivo valor da iniciativa individual do homem considerado fóra da sua esfera d'acção, da sua profissão e do seu mister, desmoralisaram e anarchisaram o organismo social portuguez e destruíram o valor politico das classes e dos multiplos organismos nacionaes cujos interesses e cuja acção só pôde ser apreciada pela força de cohesão que reúne os individuos que os constituem pela afinidade de interesses, de aptidões profissionais e condições economicas de vida. Desfeitas estas classes e organismos, a detestavel orientação politica que tomamos, lança em guerra aberta individuo contra individuo e tudo ameaça subverter-se na anarchia, na desordem e no triumpho de aventureiros sem talento e sem escrupulos. Teremos a pilhagem em dias de terremoto.

E' preciso ir buscar á historia da humanidade os ensinamentos para a estabilidade social e procurar adaptar ás circunstancias especiaes da vida moderna as instituições que na antiguidade remediaram males semelhantes aos d'hoje.

Nada ha novo no mundo. Na França d'hoje, na mesma França donde nos vieram os grandes males presentes, faz-se o reatamento das relações com a Santa Sé votada na Camara por uma maioria esmagadora e assistimos confundidos á formidavel organisa-

ção promovida pela «Action Française». Na Allemanha removido o perigo democratico, é a antiga politica imperial que está fazendo a reconstituição da grande nação fundamentalmente abalada pela guerra.

As leis imutaveis que tudo regem na historia dos povos não de cumprir-se. E' Deus que as promulga. Com a ajuda d'Elle e com a solidariedade dos homens de bem que trabalham dia a dia, sol a sol, não só para o seu sustento e dos seus, mas para o engrandecimento da pobre patria arazada por erros que de longe veem, a Junta Municipal Integralista de Guimarães, vae tentar restabelecer os organismos d'esta velha cidade para que os seus interesses sejam convenientemente salvaguardados pelas instituições politicas mais convenientes.

Que se organizem pois os nucleos de todas as profissões e de todos os misteres. Na resolução de conflitos entre as classes e nucleos tenham sempre presente a moral religiosa. Um grande politico hespanhol da actualidade compara os organismos sociaes a que preside o espirito religioso ás engrenagens d'um automovel funcionando dentro d'um banho d'oleo. Sem oleo todas as engrenagens *griparão* (passe o francezismo) e partirão os dentes. Assim sem religião não ha attrictos que deixem de apparecer sem difficuldades, que possam ver-se facilmente no funcionamento da grande machina social.

De resto nós os portuguezes só uma missão temos a desempenhar seguindo os nossos fados e n'ella está a nossa salvação.

Precisamos cada vez mais fazer a nossa expansão colonial, e esta só a fé, o altruismo e a abnegação inegualavel que vem do espirito das col-

lectivades religiosas, podem realisá-la.

D. José Ferrão de Javares e Javara.

Presidente da Junta Municipal Integralista.
Proprietário e viticultor na Bairrada.

A republica não salva o Paiz

A republica esborða-se. Nenhuma força já é capaz de lhe demorar a queda. Podem os elementos affectos ao regime reunir e protestar contra a nossa acção que o fim do fim não vem longe. A nação está cheia. Não pode mais. Dez annos de incompetencia, de nepotismo, de crapula e de desfalques no erário publico, condemnaram para todo o sempre a republica ao desprezo de todas as gerações. Neste paiz tudo o regime estragou. Que lhe devemos nós? Nada. Absolutamente nada. A republica, pelo contrario, deve-nos a ordem que nos tirou, substituindo-a pela anarchia; a vida de centenas de portuguezes que os democraticos — raça maldita! — mataram em terras extranhas; a riqueza nacional que os seus adeptos consomem; o bom nome do paiz que elles fizeram descer á categoria de qualquer tribu africana. Semeou o odio que entre nós não existia, e que tem fructificado exuberantemente. E por cima, como se tudo isto fosse pouco, ainda pela boca dum leal qualquer trata a nação por inimiga. Que a gente de Portugal é inimiga do regime, ha muito já o sabiamos; mas agora que eles tambem o reconhecem, larguem, vam para longe enquanto o Paiz ludibriado, roubado, escarnecido e vilipendiado vai fazendo as cordas e cortando as madeiras para fazer as forcas com que ha de justicar os quadrilheiros que tambem já foram histriões. Nenhuma compaixão sentimos por autenticos patifes. Quando a salvação commum periga, todos os remedios sam precisos. E nós, os monarchicos, precisamos de fazer das tripas coração no dia grande em que reporemos o nosso paiz no logar que ha dez annos perdeu.

E para o advento desse dia trabalhamos com denodo. Os desastres que temos sofrido mais tem avivado em nós o desejo da luta. Hoje como ontem, amanhã como sempre, nós levantaremos bem alto a nossa fé nos destinos da Patria e a nossa confiança inabalavel na vinda da Monarquia. Esta é hoje a via unica da salvação nacional. Nela tem todos postos os olhares. Quem ha dois annos julgou a Causa Nacional da Monarquia perdida, enganou-se recondadamente. Sofreu é verdade um desastre de que a Nação ainda hoje se resente. Mas não morreu que não pode morrer a ideia monarchica, tam ligada ella está aos destinos de Portugal.

Os monarchicos renascem dos

proprios desastres. Multiplicam-se de tal forma, que o regime pela boça de Alvaro de Castro ainda os teme mais no campo legal que na revolução. Tal afirmação tem muita importancia. Dela concluimos com toda a logica que o regime se mantem pela violencia e que o que o paiz espera é um pouco de liberdade para sacudir os vampiros que o matam, que o esfolam, que o espoliam.

Os indiferentes acabaram. Os campos extremaram-se. Dum lado a Nação, do outro a Rua. Daqui a Monarquia, de lá a republica. Passar dum campo a outro é já difficil. Aqueles que conosco estavam e que tinham convicções estomacais unicamente e simplesmente, passaram atraídos e chamados pelo osso do emprego com que a republica lhes atirou em momento que bem soube escolher. Os ultimos deviam ter passado com a criação das E. P. S.

A distancia que entre a Nação e a republica há, é já muito grande. Não podemos dizer que ha no caso um divorcio, porque seriamos menos verdadeiros se afirmassemos que a Nação em qualquer momento se unira á republica. O que ha para justificar tal distancia é nojo. E' desprezo. E' o apego que a Nação sente e tem pela vida e que a republica é incapaz de lhe dar.

Combatemos a republica que julgamos prejudicial aos destinos nacionais. Combatemo-la porque temos amor ao nosso paiz. E' a bandeira azul e branca que hasteamos, porque ella é no seu azul e branco immaculado um protesto contra as tranquberrias do regime. Nenhum outro intuito nos move. Restaurada a Monarquia, não correremos nunca ás repartições publicas a solicitar um emprego. Nada pediremos á Realza para nós. Havemos de pedir-lhe somente que administre bem o Paiz que só um milagre muito grande, tem feito atravessar com vida, esta decada tam dolorosa.

Havemos de viver do nosso esforço. A Nação diremos que acabe com a praga do burocratismo. E' uma questão de importancia suma arejar as repartições do Estado. E' preciso ir aos estabelecimentos de ensino e expulsar de lá os que entraram com a qualidade de bons republicanos. Bom republicano tambem é o Pintor e não passa por essa razão dum autentico bandido. E' preciso pagar bem aos funcionarios precisos e indispensaveis para que tenham a independencia bastante para o bom desempenho do seu lugar, e acabar com esses que ganham dinheiro com as mãos nos bolsos. E' preciso fazer voltar uns ás artes donde fugiram para o emprego publico, e outros ás cadeias donde nunca deveram ter saído.

Temos fé que tudo isto se ha de conseguir. Nós combateremos até ao dia da victoria. E quando ele chegar nós limitarnos-hemos a gritar: Viva o Rei! Viva a Monarquia!

Companhia de Seguros «ATLANTICA»

Outeiro Longo, 22 de Novembro de 1920.

Ex.^{mos} Snrs. Directores da Companhia de Seguros «ATLANTICA»,
PORTO

Ex.^{mos} Snrs.

Tendo sido indemnizada integralmente pela totalidade dos prejuizos que tive com o incendio na minha casa no dia 1 de Setembro, sita no logar de Outeiro Longo, freguezia de Antime, concelho de Fafe, prejuizos estes que foram avaliados na quantia de Esc. 150\$00, venho pela presente manifestar a V. Ex.^{ta} todo o meu reconhecimento pela forma deveras penhorante como este sinistro foi liquidado e sobre tudo pela brevidade com que V. Ex.^{ta} me pagaram aquella importancia, apesar do seguro se encontrar anulado por devolução do recibo, que o ex-agente em Arões, d'este concelho, Snr. Arnaldo da Costa Bastos fez, por falta de pagamento, o que era menos verdadeiro. E' certo que se provou que a razão estava do meu lado; mas como a Companhia de que V. Ex.^{ta} são Directores tinha um documento de annullação, poderia ter-se recusado a indemnisar-me, o que não fez e pelo que ainda mais reconhecida me confesso.

Podendo V. Ex.^{ta} fazer d'esta minha expontanea declaração o uso que entenderem e esperando que V. Ex.^{ta} me desculparão a franqueza e sinceridade d'este meu agradecimento, me subscrevo com a maxima estima e consideração

De V. Ex.^{ta}
Att.^o Ven.^o e Obg.^o

a rogo de D. Emilia de Castro Lobo, por não saber escrever,

José Antonio de Barros

Calçado de casalho, camisolas, coronas e meias de lã,

na Casa Martins

REPAROS...

O diabo do homem...
mentiu

Então o senhor Afonso Costa falou ou não falou na conferencia de Genebra? Sua excelencia comunicou em telegrama para o «Diario de Noticias» que falara e que fora ouvido e aplaudido. O Dr. Cunha e Costa diz que nesse dia em que sua excelencia pretende ter falado, nem sessão houve. Assim não entendemos. Sua excelencia pelo visto foi menos verdadeiro. Ou antes, mentiu descaradamente. Ora sua excelencia deve saber que nós não somos pretos da Siberia; para assim sermos enganados. Se sua excelencia queria que o aludido jornal lhe estampasse o retrato, excusava de recorrer ao expediente tão de mentir. O «Diario de Noticias» publicava-lhe a fisionomia por alguns escudos.

O que houve de aproveitavel no facto foi o todos podermos observar como sua excelencia está gordo e lindo. A pera é um encanto. O sorriso que se lhe nota, uma maravilha. Sam os 500.000 reis por dia que o fazem assim alegre e gordo. Seu maganão. Sua excelencia é um nababo. Parvos somos nós que ainda lhe não tiramos a mangedoura, não é assim?

O Bernardino

Coitado! falou outra vez contra a permanencia do cadaver de Sidonio nos Jeronimos. Quere logar para si, pois não quere, senhor Bernardino? Ha de tê-lo. Se não fôr lá ha de ser em sitio melhor. Mas... o melhor é escolher em vida, que nós prometemos respeitar-lhe a vontade. Olhe, pode escolher: ou Coure, ou o fundo do Tejo ou a Boca do Inferno...

Explicando

O nosso presado colega «O Comercio de Guimarães» extranhou que nós pensassemos como o illustre escritor Antonio Sardinha. Não tinha que se admirar, pois nós eramos bem explicitos. Nós afirmavamos que pensavamos como o literato illustre no seguinte: que só reconheciamos a republica para a combater. Nisto estamos de acôrdo. E tambem estamos no mais. Do passado pouco queremos, não é verdade? Não queremos os partidos, não queremos politiquice, não queremos a Carta de 26—um mostrengo que nem sequer se recomenda pela originalidade! Queremos a Instituição Monarquica pura, bem limpa de estrangeirismos e de maçonismo.

E agora, colega, mãos á obra que é preciso destruir a republica. E' preciso escavacar o edificio em que se abrigam os cavalheiros que sugam as energias nacionaes. E' urgente acordar todos esses cavalheiros que se dizem monarchicos em casa e que na rua teem medo de manifestar as suas opiniões. E' preciso dizer-lhes que quem não é por nós na rua, é contra nós. Escorracemos esses que só servem para empatar. Digamos-lhe que não é bom monarchico todo aquele que auxilia republicanos seja no que fôr. Estamos numa epoca de decisões. Precisamos de restaurar a Monarquia para salvar a Nacionalidade. Tomemos a rebate. Sempre julgamos que a vida do regime nunca passaria de comedia. Mas... degegerou pelo menos em tragi-comedia.

Discordamos

Cyrano afirma que a imprensa monarchica não faz falta para

destruir a republica, porque esta cai por si.

Não é bem assim. Se a imprensa monarchica não estivesse tanto tempo adormecida, os acontecimentos ter-se-iam encaminhado melhor. Não haveria tantas iniquidades nos julgamentos. Ter-se-ia levantado o espirito monarchico, profundamente abatido pelo desastre!

Teriamos evitado muito escandalo que tem afectado extraordinariamente os interesses nacionaes. A Imprensa monarchica faz falta, caro e illustre colega. Nós, porém, e o jornal em que escreve, não temos culpas. A seguir ao 13 de fevereiro começamos a lutar nós, recomeçou a «O Comercio». Se todos houvessem assim procedido, teriamos hoje a republica a nossos pés. Assim temos de esperar um pouco mais. Dir-nos-am que a reparação dos jornaes monarchicos teria prejudicado os nossos presos. Nem pensem nisso. Nós teriamos imposto a amnistia. Não vê o colega o que tem feito «a Monarquia»? Com os jornaes monarchicos teria sido facil fazer voltar a actividade politica jornalistas de valor. Moreira de Almeida, teria sido mais uma vez um gigante. Rocha Martins um polemista terrivel. Anibal Soares um jornalista temivel. Não falamos de Joaquim Leitão, porque esse já voltou. E Alfredo Pimenta nunca, desde que pertence ás direitas monarchicas, desertou. Muito se deve a este. Mais lhe deveremos ainda.

Uma anedota

Um individuo tratando de adular um deputado:

—O senhor tem muito talento e dentro em pouco chegará a ministro.

—Não, homem, não possuo merecimento para tanto.

—Qual não! Olhe que outros mais brutos que o senhor o teem sido!

Ainda o caso do Hotel da Penha

Pelo que se ouve por ahí, vae ser muito concorrida a assemblea geral que a Mesa da Irmandade de N. S. do Carmo da Penha convoca para o dia 26 do corrente, pelas 15 horas, na Basilica de S. Pedro.

N'essa occasião, segundo nos informa um snr. mesario, será tudo posto a claro, afim de que aquellos que tanto se interessam pelo engrandecimento da Penha fiquem sabendo o que se passa a respeito do edificio onde está instalado o hotel.

Brevemente, pois, o publico ficará sabendo quem são os verdadeiros e desinteressados benemeritos da nossa encantadora Penha.

Vamos ter muito que ouvir e que contar...

Agora é que vão ser ellas...

E' preciso pôr tudo, tudo a claro para que, d'uma vez para sempre, se fique sabendo a quem de direito pertence o referido edificio.

Que nem um só irmão deixe de comparecer á annunciada assemblea geral.

Compareçam todos!

E' preciso, urge que seja tudo posto em pratos limpos!

Que nem um só irmão falte para ouvir o bom e o bonito!

Que não haja concordata, que não haja a menor contemplação!

O engrandecimento de uma Penha acima de tudo!

Acima, muito acima do interesse particular!

Que ninguém falte, pois, á assemblea geral que tem de effectuar-se no proximo dia 26!

Pela Penha!

Pelos seus melhoramentos sejam os gritos e os brados de todos os vimaranenses!

A grandessa dos povos pela Tradição

I

Defeitos politicos

A humanidade, há dois séculos, aproximadamente, tem vivido crente nos lindos sonhos dourados que o espirito revolucionário francez tam bem soube—ar teirosamente, sistematicamente—fazer-se acreditar como uma verdade pura, insofismavel—o sonho bendito da liberdade humana.

Ora essa liberdade, apregoada em todo o mundo pelos revolucionários e homens livres de França, desde então para cá tem-se tornado, indiscutivelmente, tanto mais perigosa quanto mais despota e tirana sob os dois pontos de vista—politico e social. Os sonhadores e apóstolos da almejada liberdade, tam idiotas como parvos, jamais tiveram em mira salvar as classes produtoras do feudalismo dos senhores e da raça maldita da Burguesia que, no dizer daqueles, eram esmagadas e desprezadas por estes de acôrdo com o Capitalismo.

Triunfante que foi o espirito revolucionário, a França, como o mundo inteiro, tremaram nos primeiros dias; mas, passadas as primeiras horas do triunfo e do entusiasmo, aqueles mesmos que haviam combatido contra os inimigos das classes produtoras tornaram-se ainda mais ferozes para elas do que o feudalismo, a burguesia e o capitalismo velhos, porque sedentos de cubica e de mando, chamaram a si as terras, fizeram-se conhecer como novos senhores e tornaram-se autenticos e terriveis burgueses e capitalistas. As classes então olharam-nos com desconfiança; e, quando viram que foram enganadas, quizeram de novo defender-se. Mas senhores do mando e do poder, os revolucionários apertaram nas mãos a liberdade e servindo-se dela como uma força (aqui está a arbitrariedade revolucionária dos homens livres) esmagaram-nas ao primeiro gesto de revolta. Daqui provém, pois, a confusão, o ódio e o rancôr: a confusão entre os ideais, o ódio e o rancôr entre as camadas. E' que um regime que se diz chamar democrático e liberal tem a suprema infelicidade de tudo e todos embaralhar comprometendo as classes a pontos de as fazer brigar como presentemente estamos assistindo no nosso pais em que operários, lavradores, capitalistas, o comércio e a industria se não entendem porque não há método nem técnica nas dependencias do estado republicano. Daqui nasceu, portanto, o grande mal politico e social para a nossa Pátria.

Quando a força da reação dos de baixo se choça com a que está sobre si—a força brutal da reação dos de cima—a desordem é inevitavel e vai dar direita á perfeita anarquia dos individuos levando-os sem que eles dêem por isso, a graves e sangrentos acontecimentos que derruem estados e ferem mortalmente as raças, que, por mais que se esforcem, por mais exames que façam ao doente corpo colectivo, têm de parecer irremediavelmente.

Um grande defeito, que inúmeros e terriveis prejuizos tem causado aos povos do Occidente (no Oriente já se ocentua também este mal) e que o Estado politico-parlamentarista não tem sabido reparar—é a falta da disciplina e do respeito sagrado que o individuo, desde o magistrado ao mais humilde cavador, tem pelas leis desse mesmo Estado, que avidamente acompanha o espirito da época—evolucionando ou revolucionando consoante as correntes que o servem. E' sempre a mentira da convenção politica a querer subjugar a consciencia e a vontade pátrias.—MANUEL DE AZUREM.

(Continúa.)

Os monarchicos condenados e julgados

Só hoje nos é possivel prestar homenagem publica aos dedicados monarchicos de Guimarães que a Inquisição republicana condenou. Sam eles os Ex.^{mos} Senhores Coronel Amado, alferes Mexia, alferes Magalhães, sargentos Serra e Vaz Vieira, Antonio Machado, os dois irmãos Lapeira, Costa e Silva, Gaspár Lindoso e Padre Domingos Pereira que não sendo daqui, foi contudo julgado como fazendo parte do tal bando monarchico no dizer do «Janeiro».

Foram todos condenados, não obstante a sua acção durante os 25 dias de Monarquia ser o que ha de mais benevolente para com os inimigos da ordem. Isto pelo que toca aos que aqui foram autoridadaes, porque os militares que se bateram fizeram-no com valentia.

Não devemos esquecer tambem o Ex.^{mo} Senhor Coronel Sá e Melo, a maior vitima que Guimarães conta na sua historia de dedicação pela Monarquia. Sá e Melo, o homem a quem quasi toda a gente desta cidade deve atenções e favores, foi condenado, porque muitos talvez mais culpados que ele, foram para o tribunal com o proposito firme de o perder. E Sá e Melo, o militar que sempre honrou a sua farda, que nunca seria capaz, para o absolverem, de afirmar que fôra espião, lá foi brindado com 3 anos de degredo. E outros mais culpados do que ele—repetimo-lo mais uma vez—ficaram sendo pessoas de confiança do regime, como antes o foram dos monarchicos. Abreu e Lima, despiu a sua farda enojado de tanta subservencia, sendo tambem julgado. Rocha dos Santos no exilio durante mais dum ano, pagou a sua dedicação pela Monarquia. E o infeliz alferes Cardoso, coitado, foi livre da Penitenciaria por ter falecido. Ah! mais feliz foi de que nós, porque morreu com certeza na illusão de que a Monarquia vingava. Nós não os esquecemos.

Nesta hora em que o fim da republica se avizinha, eles aparecem diante de nós, grandes no seu amor pela Realesa. Neste semanario nós temos continuado a obra que eles não levaram a efeito, porque ainda não era tempo. A revolução monarchica está já julgada. Aqueles que lhe deturparam os fins, devem estar convencidos de que ela foi um autentico movimento nacional. Os que cruzaram os braços num momento em que era preciso combater, que se revejam na obra da republica. Ham de ver as suas propriedades sem valor, os seus dinheiros esbanjados e o futuro de seus filhos comprometido. Ham de trabalhar para os amigos do regime comerem. Que continuem agora no seu comodismo.

Que sejam conservadores, que conservadores tambem sam os demagógicos quando pretendem por todas as formas e feitios manter-se na situação em que estam. Nós somos conservadores. Só queremos do passado o que ele tem de bom. Do futuro tudo. Do presente nada. Combatemos pela Monarquia. Porisso o nosso preito de gratidão vai para aqueles que nestes dez anos de lucta, tem pugnado pelo nosso ideal. E entre eles, seja-nos permitido destacar o nome de Antonio Joaquim de Azevedo Machado, um homem que é um simbolo de abnegação, de heroismo e de tenacidade. Na imprensa, na cadeia e no exilio ele é o monarchico firme e desinteressado que muito admiramos.

A todos os outros nós saudamos e protestamos a nossa estima. O dia da vitoria vem perto. Nesse momento todos nos poderemos abraçar. Cantaremos em côro o hino da Restauração e as nossas vozes gritarão bem alto: Viva o Rei! Viva a Nação!

Quem foi?

Todos querem saber, e com muitissima razão, quem seria o cavalheiro que em a noite do espectáculo dos «Velhos» teve artes de escamotear um chapéu de alto preço, o qual se encontrava em cima d'uma meza, no palco do Theatro D. Afonso Henriques.

Sabe-se lá quem seria o gatuno! O que é para lastimar, é que se permita a entrada no palco a todo o bicho careta.

São tantas as creaturas que alli entram extranhas ao serviço, que impossivel se torna dar uma volta no já bem pouco espaçoso palco do nosso primeiro theatro, que infelizmente tanto deixa a desejar.

N'um dos ultimos espectaculos que alli se deram, podemos garantir que só no urdimento estavam mais de cincoenta pessoas!

Mais de cincoenta, creiam.

Homens, mulheres e creanças ainda de máma, tudo alli estava a ver de borla e a fazer uma tal algazarra, um tal chinfrim que nem as creadas de servir alli na Feira do Leite, ou em volta das canastras da sardinha do snr. Domingos Vinagreiro!

Um horror!

E quem auctorizou aquellas creaturas a irem para alli?

A algumas d'ellas foi preciso o nosso amigo snr. José Pina intimá-las a apagarem o cigarro!

A fumarem junto aos pannos! Que atrevimento e que inconsciencia, santo Deus!

Mas, tornamos a repetir, como é que se consente a entrada na caixa do theatro a tanto maltrapilho de reputação duvidosa?

Para este assumpto chamamos a atenção dos dignos directores, afim de s. ex.^{as} pôrem cõbro a taes abusos e para que jamais se tornem a repetir semelhantes scenas que podem ser a causa d'uma enorme desgraça.

Tres votos... miseraveis!

Com surpresa lemos nos jornaes de sexta-feira que o senhor Afonso Costa, o maior homem do regime, o estadista maximo do mundo, não conseguiu para Portugal o que conseguiram os delegados da China.

Esta nação apesar de nada ter feito na guerra, foi eleita para a direcção da Sociedade das Nações. O mesmo conseguiu a Espanha neutral, a Belgica heroica e o Brasil que fez uma guerra de portas a dentro. Portugal não conseguiu mais de 3 votos. A Romania obteve 17. Decididamente o senhor Costa é um estadista de importancia.

Meteu Portugal na grande aventura, sacrificando á sua vaidade toda as vidas e haveres dum povo a quem a republica tem desgraçado, e o resultado é uma divida superior á metade da fortuna nacional, e o desprezo de todos os povos.

Para obter o que sua excelencia tem conseguido, não fazia falta a republica obrigar a embarcar os filhos de Portugal, como se fossem borregos. A republica falliu até perante o estrangeiro.

Havemos de pedir severas contas aos empregarios da guerra, do que fizeram e do que deixaram de fazer. A China mais respeitada que nós? Que fez esta nação? Que fez o Brasil? Fazia falta entrar na guerra para se conseguirem 3 votos?

Que faz lá fora, o senhor Afonso Costa?

Ganha dinheiro, não é assim? E para que ele ganhe rios de dinheiro, vem agora o senhor Leal arranca-lo aos pobres portuguezes a quem nem é dado perguntar o destino que lhe dam. Somos uma nação de pedintes, na qual ha meia duzia de perdularios que

gastam todas as nossas economias.

Conservadores de Portugal, não vos mexaes, não encomodeis o regime, metei-vos bem a dentro das vossas casas, que a republica é isto que vedes.

A historia ha de amaldiçoar um dia a vossa acção. Ha de marcar com um ferrete de ignominia, a acção dos portugueses que tendo obrigação de libertar a patria, cruzaram os braços e deixaram correr. Monarquicos de Portugal, mudai de rumo. Propagae os erros da republica, e dizei ao povo o que ela tem feito. Vinde para o campo da lucta, cerraes fileiras em volta do Rei, e preparai a sua vindal!

O senhor Afonso Costa deve estar contente da sua obra. Pode esfregar as mãos á parede. E o ajuste de contas? Ha de ser tremendo.

Um povo ludibriado, vingae sempre com furor. Paga sempre os juros dos juros. Percebem?

S. Nicolau

A festa dos "velhos."

Deu muito, muito trabalhinho... causou grandes arrelias... chegou mesmo a causar profundos desgostos... mas apesar de tudo isso, os "Velhos," venceram e conseguiram pôr em pratica, com todo o esplendor, o programma que aqui havíamos anunciado aos nossos presados leitores.

Foi uma festa brilhante! Encantadora!

Foi uma festa que deixou a melhor e mais agradável impressão e que ha-de lembrar sempre saudosamente!

Ouçamos, a tal respeito, as impressões d'um espectador inteligente e culto, que de bom grado se promptificou a descrever a linda e sympathica festa, que apenas teve um unico fim em vista — fazer reviver uma velha e interessante tradição vimaranense e render saudosa homenagem a *Braulio Caldas*, que foi, durante seis annos, o mais imaginoso dos seus colaboradores.

Attendei, leitores amigos:

Quando se entra na realidade da vida e se tem transposto a linha que separa a mocidade alegre e descuidada da velhice de achaques e tristeza, como é doce lançar os olhos ao passado que de longe nos sorri e nos acalenta!

Saudade! Saudade, deliquiscência de alma em que o coração sobrenada num mar tépido de um doce vago e indefinido, que enristecea e alegra, que martiriza e consola, que amargura e alivia, que ri e que chora!

E recordar é viver da saudade, é voltar, em ilusão, ao que fomos, mirar-se num espelho mágico que faz perdurar as imagens atravez dos annos e dos desenganos. Como é doce recordar e como é consoladora a Saudade.

Já lá vão 25 annos desde que os velhos, que eram a mocidade então, arrancaram dos arquivos escusos do esquecimento e para não mais morrerem, as festas de S. Nicolau.

Esses velhos voltaram a ser rapazes e nos três dias da sua festa deram-nos a ilusão da sua mocidade. E' que eles lembraram-se, numa hora feliz, de celebrar as bodas de prata das Nicolinas. E bastava que Jeronimo Sampaio, o folgazão de 95, metesse as mãos á obra para que ela saísse apurada, como realmente saiu.

E nós, que passo-a-passo acompanhamos o desenrolar da sua iniciativa arrojada, vimos com espanto como elle conseguiu congregiar em volta de si o entusiasmo adormecido desses rapazes que tão galhardamente o ajudaram.

O programa tão delicadamente

estudado foi todo cumprido, desde a missa celebrada pelo Padre Alfredo Correia, homenagem sentida e de saudade aos mestres e condiscipulos que já lá vão, até ao ultimo calice bebido na ceia de confraternização.

Após a missa, em bando numeroso dirigiram-se todos os velhos que quizeram entrar nesta festa linda, ao Liceu onde foram cumprimentar os professores de então, e recordar a passagem pelos bancos escolares.

Foram amavelmente recebidos á porta do edificio pelo corpo docente e alunos do Liceu, que os receberam com uma salva de palmas.

Falou o Dr. Dias da Silva, saudando os velhos mestres, assim como o digno Reitor, Dr. Moreira Junior, Conego Vasconcelos e Jeronimo Sampaio, trocando-se frases amaveis de cumprimento, recordando tempos de saudade salientando-se a influencia que o ensino daqueles mestres, sabios e amigos, exerceu sobre o caracter e a educação.

Mas o *bijou* das festas, foi, como se esperava, a recita de gala no Teatro D. Afonso Henriques. A' hora anunciada para o espectáculo o teatro estava completamente apinhado de tudo quanto em Guimarães ha de mais chic e elegante. Era encantador ver aquella massa compacta de cabeças que se apinhavam na plateia ou se assemelhavam a cestas de flores nos camarotes.

Pena é que Guimarães não tenha uma casa decente para festas destas e que seja preciso *ratinhar a miseria de 18 camarotes*, que tinham de ser distribuidos por mais de 30 velhos que entraram no espectáculo.

Levantado o pano ao som do hino, que foi ouvido de pé por toda a assistencia, o velho estudante, Dr. Dias da Silva, professor da E. P. Superior desta cidade, recitou uma bem elaborada conferência que a todos prendeu durante 50 minutos, desfiando a historia das festas Nicolinas desde a sua origem até ao periodo que hoje vão atravessando. Fez um estudo minucioso, interessante e completo que muito agradou, sendo muito ovacionado.

No palco apparece então o velho Jeronimo Sampaio, reliquia do irrequeto Jeronimo Sampaio que em 1895 recitou, cheio de vivacidade e entusiasmo, o lindo trabalho do poeta morto, o saudoso *Braulio Caldas*. Com que sentimento e com que saudade não evocaria naquela hora alegre e triste a imagem doce e grata do seu saudoso *Braulio*!

O *Auto da Saudade*, desempenhado por Jeronimo Sampaio, Alvaro Casimiro, José Roriz, Carlos Abreu e Francisco Matos Chaves, imitação feliz da «Ceia dos Cardeais», feita expressamente para esta festa pelo velho e inteligente Padre Roriz, agradou imenso, não só pela fina estrutura da peça, mas pela boa execução por parte de todos os interpretes.

No fim foram muito festejados recebendo os cinco comparsas cestos de flores e *bombons*.

As velhas danças exibidas foram de surpreendente efeito, não só pela beleza e originalidade engraçada, mas sobretudo pelas belas e riquissimas toillettes, encenação irreprezível e excelente execução.

Terminou o sarau pela apoteose ao saudoso amigo de todas as gerações escolares de então, o entusiasta incorrigível pela festa de S. Nicolau, o nunca esquecido Dr. *Braulio Caldas* que a maldita tuberculose roubou ao coração dos amigos quando tanto havia a esperar do seu talento.

Foi uma festa soberba e parabens, muitos parabens ao que teve a genial ideia de elaborar um tão belo programa e força para o levar até ao fim.

A ceia no Hotel do Toural cor-

reu animadissima, no meio da alegria mais franca, da jovialidade mais ingénua, em que todos tagarelavam como crianças, recordando peripecias de rapaz a que agora se acha um gosto especial em repetir e ouvir.

Jeronimo Sampaio, que presidiu á modesta ceia, depois de agradecer a honra que lhe haviam dado, levantou o seu primeiro brinde ás senhoras de Guimarães, que num requinte de penhorante gentileza tão distintamente se associaram, na missa e no teatro, á festa dos *Velhos*, aproveitando a ocasião para agradecer ao illustre conferente a sua brilhante alocução, assim como aos Ex.^{mos} Srs. Padre Roriz, Francisco Silva Guimarães e capitão-musico, Sr. Romano.

O numero único—Os Velhos—, teve larga venda, sendo brilhantemente colaborado pelos velhos mais illustres desta terra. A sua confecção foi dirigida pelos inteligentes, velhos, ainda que moços, Ex.^{mos} Srs. Capitão M. Cardoso e Padre Francisco da Silva.

Vieram expressamente assistir á festa os velhos estudantes Albano Moreira, de Fafe, e Francisco Antonio da Silva, de Mindelo.

Escreveram e mandaram telegramas Fernando Bourbon (Lindoso), José da Rocha Lima, Ermindo Nogueira, Dr. Luiz de Altdão e Francisco Queiroz, que teve a feliz lembrança de enviar 30000 para distribuir por seis pobres.



Por Guimarães

Missa

Por alma do extinto titular Ex.^{mo} Snr. Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar), sua ex.^{ma} familia manda hoje celebrar a missa do trigéssimo dia na egreja da V. O. T. de S. Domingos, pelas 11 horas da manhã.

Asilo de Santa Estefania

Neste estabelecimento benéfico receberam-se nos mezes de outubro e novembro os seguintes donativos:

Outubro — Alvaro Costa e Esposa, 10000; João Paulo da Silva, 10000; Luiz Gonzaga Pereira, 10000; Herdeiros de D. Maria das Dores Ferreira, 10000; D. Maria José Leal Sampaio e filha, 7000; Orfeão de Guimarães, para sufragar a alma do sub-regente Padre Manuel Ferreira Ramos, 50000; Familia de D. Emilia Rosa de Faria, 10000; D. Emilia Leite, 10000; Ernesto de Vasconcelos, 10000; Antonio Augusto Leite Botelho, 10000; Bento José Leite, 10000 reis. Total, 1470000 reis. — Em generos: D. Emilia Rosa Marques Basto, um alqueire de feijão; D. Luiza Margaride, um alqueire de castanhas; Conde de Margaride, um carro de milho.

Novembro — Anonimo, 50000; D. Lucinda Simões, 10000; D. Maria José Leal Sampaio, 50000; Dita, 50000; Antonio José Pereira de Lima, para sufragar a alma do Visconde de Nespereira, 50000; Familia Nespereira, 70000; José Borges Teixeira de Barros, para sufragar a alma de sua falecida Esposa, 50000; Familia de Francisco José Ferreira, 10000; Empregados da Agencia do Banco do Minho, para sufragar a al-

ma de D. Maria Adelaide Gonçalves Teixeira de Barros, 50000 reis. Total, 1700000 reis. — Em generos: D. Maria de Oliveira Almeida Menezes, um alqueire de feijão; Conde e Condessa de Margaride, um magusto em sua casa e um alqueire de feijão.

A Rosa d'Ouro

Brevemente vae abrir, n'esta cidade, uma confeitaria que nada deixará a desejar ás pastelarias de Lisboa e Porto.

O novo estabelecimento *A Rosa d'Ouro*, deve abrir num dos primeiros dias do mez de janeiro do anno proximo.

«Auto da Saudade»

Auctorizados pelo auctor, o nosso presado amigo snr. padre Gaspar Roriz, começaremos a publicar, no proximo numero do *Gil Vicente*, o formosissimo *Auto da Saudade*, levado ultimamente á scena no Theatro de D. Affonso Henriques.

Vítimas do Dever

Aos nossos amigos

Em beneficio dum correligionário nosso, que o movimento de Janeiro de 1919 atirou para a miséria, ficando privado do pão que auferia como sargento de artilheria, o *Gil Vicente*, fiel aos sagrados principios que defende, abre nas suas colunas uma subscrição a favor daquelle nosso companheiro de infortunio, tanto mais que tem esposa e filhinhos.

E' uma obra de Justiça e de Amor que se impõe a todos os nossos amigos e correligionários, que, estamos certos, saberão corresponder generosamente ao apêlo do *Gil Vicente* subscrivendo com qualquer quantia a fim de socorrer quem, nas horas da luta e da incerteza, sacrificou o seu bem estar e o dos seus. Monarquico de principios o nosso infeliz amigo, é digno de toda a protecção; e desde já agradecemos em seu nome a todos aqueles que concorram com o seu óbulo generoso.

Administração do Gil Vicente.	5000
Simão da Costa Pacheco	2050
Antonio Martins da Silva	1050
Cunha & C. ^a	500
Simão da Costa Guimarães	2050
G. M. S. C.	1000
A. B.	500
J. Caldas	1050
Domingos Ribeiro	2050

Qualquer donativo destinado a esta subscrição deve ser remetida a Domingos Ribeiro — Tip. Miúerva Vimaranesense, rua de Santo António — Guimarães.

Aos nossos leitores

Recomendamos aos seus queridos bemfeitores a inteligente menina Olinda Santos, que, com a morte de seu extremoso pai—o 1.^o sargento musico Santos—, ficou privada de recursos monetários para concluir os seus estudos na Escola Normal de Braga, que fundam no ano lectivo de 1920-1921.

Qualquer donativo que nos seja enviado será entregue áquella futura professora, bem digna do auxilio das almas bem fornadas.

Simão da Costa Guimarães	2050
Padre João Luís Caldas	2050

DIVÓRCIO

Por sentença d'este Juizo, de 2 do corrente mês, a qual transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre D. Maria Amélia de Oliveira Mendes, doméstica, e Augusto Mendes, comerciante, ambos desta cidade, em acção proposta por aquella, pelos fundamentos dos n.^{os} 2.^o e 4.^o do art.^o 4.^o da Lei de 3 de Novembro de 1910.

Guimarães, 16 de Dezembro de 1920.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão do 2.^o officio,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Irmadade de N. S. do Carmo, da Penha

Tendo a Meza administrativa da Irmadade de Nossa Senhora do Carmo da Penha resolvido em sua sessão de 15 de Novembro, convocar a assembleia geral para tomar conhecimento da acção que, neste Juizo, propoz contra o snr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães para reivindicar a casa do despacho e arrecadação de alfaias, onde está instalado o hotel da Penha, tenho a honra de convidar todos os irmãos a reunirem no dia 26 do corrente, pelas 15 horas, na Basilica de S. Pedro, desta cidade.

Se nesse dia não comparecer numero legal de irmãos, terá logar no dia 2 do proximo mez de Janeiro, á mesma hora e no referido local.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1920.

O secretario servindo de Juiz,

Manoel Lopes Martins.

Juventude Catolica de Guimarães

São convidados os sócios desta sociedade a reunirem-se na sua sala das sessões, no dia 23 de Dezembro, pelas 9 horas da noite, para se proceder á eleição dos corpos gerentes.

Se não comparecer numero legal de socios ficará a sessão adiada para o dia 26 de Dezembro, pelas 2 horas da tarde, funcionando com qualquer numero de socios.

Guimarães, 15 de Dezembro de 1920.

O Secretario,

Armindo de Faria.

"A Gloria Portuguesa,"

COMPANHIA DE SEGUROS

EM TODOS OS RISCOS

Capital 2.500 contos

Representante geral no concelho de Guimarães

José da Costa Rainha

Rua Dr. José Sampaio—GUIMARÃES



Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, atalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31 DE JANEIRO
(antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

COLÉGIO ACADEMICO

Campo da Misericórdia—GUIMARÃES

Recibe alunos internos, semi-internos e externos. Instrução primaria e secundaria, incluindo a 6.^a e 7.^a classes.

Mais esclarecimentos sejam pedidos a direcção.

A SEGURADORA

Companhia de Seguros e Reseguros

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Sede no Porto—Rua das Flores, 118

Capital Social: 500.000\$000 réis

Idem realizado: 250.000\$000 »

Efectua seguros contra incendio:

- » » » maritimos e guerra
- » » » quebra de cristais
- » » » assaltos, greves e tumultos
- » » » postaes

Representante nesta cidade e concelho:

Avelino da Silva Guimarães

Rua de Camões



Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituinte, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e nos que, em geral, carecem de força no organismo. É ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de fácil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas e crianças.

Esta legalmente autorizada e privilegiada.

Pedro Franco & C. L.
DEPÓSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

GRAND PRIX
LONDRES 1904
PARIS 1889

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

GRAND PRIX
LONDRES 1904
PARIS 1889

MAQUINA AEROSTRICAL PORTUGUESA 1914, ETC.

Xarope Peitoral James

Curativo de todos os estados, mesmo os mais rebeldes, bronchites agudas e crônicas, alvurias asmaticas, etc. Mal de S. João e de S. Carlos e no melhor momento. Aprovado pelo Conselho Superior de Higiene de Portugal e pela Inspectoria sanitaria de S. Paulo, do Brasil.

Deposito GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

GRAND PRIX
LONDRES 1904
PARIS 1889

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO, * O Melhor Premio da Exposição-LONDRES 1904 *

Lisboa 1868,
Paris 1889,
Belem 1883,
Amoy 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1908,
Exposiç. do Centenario de Portugal 1915.

Pedro Franco & C. L.
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

SAGRES
 Companhia de Seguros
 Luso-Brasileira.
 Capital 2.000.000\$000
 Seguros maritimos, terrestres, incendios, agricolas postaes e contra greves, tumultos e roubos.
 Sede: Rua de S. Julião, 19-2.º—LISBOA
 Correspondente em Guimarães—Jeronymo Ribeiro da Costa Sampaio.

JOAO RIBEIRO
 TAILLEUR
 Executa com a maxima perfeição e elegancia toda a obra de alfaiate para CAVALLEIROS, SENHORAS E CRIANÇAS
 Corte Inglez Sistema Mistein's
 Largo Dr. Avelino Germano (S. Paio) n.ºs 7 e 9
 GUIMARÃES

BANCO DE SEGUROS

Capital 3.000 contos

Rua da Victoria, 73—LISBOA

Efectua seguros contra todos os riscos, incluindo greves, assaltos, accidentes de trabalho e todos os de vida

Medico: Dr. Antonio José Rodrigues Toriz.

Correspondente em Guimarães:

CASA MOUTINHO

Praça D. Afonso Henriques, 78 a 82

TO DA AS SENHORAS

que tenham PERTURBAÇÕES DAS REGRAS MENSAES, ou que tenham NO VENTRE NA OCASIÃO DAS REGRAS, ou a quem FALTE A MESTRUAÇÃO, curam-se tomando a

Amenorrhœina

Pedir instruções que serão remetidas gratuitamente.

AS Perturbações digestivas das creanças

os vomitos, as diarrhéas, as dores intestinaes e as perturbações resultantes da dentição, curam-se tomando de 3 em 3 horas um comprimido de

Bacilina Lactica

AS Creanças limphaticas escrophulosas ou rachititas

Curam-se tomando a cada refeição tantas gotas de **Idopeptona Sanitas** quantos forem os anos de idade.

Estes medicamentos acham-se á venda nas boas pharmaeias e no deposito de Lisboa: Neto, Natividade & C., Rocio, 121, 122. Pedir instruções, que serão remetidas no volta do correio ao LABORATORIO «SANITAS»—T. do Carmo, 4—Lisboa

ARMAZEM DE TECIDOS D'ALGODÃO

— DE —

Alberto Pimenta Machado

VEND A POR JUNTO E A RETALHO

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, chales, gravatas, etc. etc.

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «TRIUNFO»

Rua 31 de Janeiro—GUIMARAES